

JEEVES PEDE A CONTA

EU ESTAVA LEVEMENTE INQUIETO. Nada de excepcional, na verdade, mas ainda assim um pouco preocupado. Sentado no velho apartamento, dedilhando preguiçosamente as cordas de meu banjo, um instrumento pelo qual tenho sentido enorme afeição nos últimos tempos, não daria para dizer que meu cenho estava realmente franzido, assim como também seria impossível afirmar que não estava. Talvez a palavra “alheado” caiba melhor aqui. Parecia-me que uma situação carregada de estorvadoras potencialidades viera à tona.

- Jeeves — disse eu —, sabe de uma coisa?
- O quê, patrão?
- Sabe quem vi na noite passada?
- Não, patrão.
- J. Washburn Stoker e sua filha, Pauline.
- Deveras, patrão?
- Eles devem estar por aqui.
- Assim parece, patrão.

— É embaraçoso ou o quê?

— Posso imaginar que após o ocorrido em Nova York deva ser-lhe aflitivo encontrar a senhorita Stoker, patrão. Mas figuro que a contingência mal precisa vir à baila.

Pesei isso.

— Quando você começa a falar em contingências vindo à baila, Jeeves, o cérebro parece vacilar e eu como que perco o fio da meada. Quer dizer que eu deveria dar um jeito de não cruzar seu caminho?

— Isso, patrão.

— Evitá-la?

— Isso, patrão.

Toquei cinco acordes de “Old Man River” com um quê de abandono. Sua opinião aliviara minha mente. Segui a linha de raciocínio. Afinal, Londres é um lugar enorme. É assaz simples não cruzar com as pessoas, se você assim o deseja.

— O que senti foi antes um choque, contudo.

— Posso imaginá-lo perfeitamente, patrão.

— Acentuado pelo fato de que estavam acompanhados de *Sir Roderick Glossop*.

— Deveras, patrão?

— Sim. Foi no Savoy Grill. Entregavam-se todos a uma patuscada em uma mesa junto à janela. E eis aqui uma coisa singular, Jeeves. O quarto membro do grupo era a tia de *Lord Chuffnell*, *Myrtle*. O que estaria ela fazendo com aquele trio?

— Possivelmente seu título de *lady* deve ter sido adquirido por intermédio do senhor Stoker, da senhorita Stoker ou de *Sir Roderick*, patrão.

— É, talvez seja isso. Sim, acho que isso explica tudo. Mas fiquei surpreso, confesso.

— Entabulou conversa com eles, patrão?

— Quem, eu? Não, Jeeves. Caí fora dali como um raio. À parte o desejo de evitar os Stoker, pode imaginar-me de bom grado e deliberadamente indo ao encontro do velho Glossop para um bate-papo?

— Certamente ele jamais se provou uma companhia muito adequada no passado, senhor.

— Se existe um homem no mundo com quem espero nunca trocar palavra outra vez é com aquele velhaco.

— Esqueci de mencionar, patrão, que *Sir Roderick* quis vê-lo esta manhã.

— O quê!?

— Isso mesmo, patrão.

— Ele veio aqui me ver?

— Isso, patrão.

— Depois de tudo que aconteceu entre nós?

— Isso, patrão.

— Bem, estou pasmo!

— É, patrão. Informei-o de que o senhor ainda não havia se levantado e ele disse que voltaria mais tarde.

— Disse? Como pode? — Eu ri. Uma risada sardônica. — Bem, quando o fizer, solte os cachorros nele.

— Não temos cachorro, patrão.

— Então vá até o andar de baixo e peça emprestado o pomeirão da senhora Tinkler-Moulke. Fazendo visitas sociais depois do modo como se comportou em Nova York! Nunca vi nada igual. Já ouviu falar de algo assim, Jeeves?

— Confesso que diante das circunstâncias seu advento surpreendeu-me deveras, patrão.

— E julgaria que sim. Valha-me Deus! Valha-me o Céu! Valha-me o Altíssimo! O homem deve ter o couro de um rinoceronte.

Quando eu houver lhe relatado a história toda em detalhes, acho que você concordará comigo que meu furor foi justificado. Deixe-me ordenar os fatos e prosseguir.

Cerca de três meses antes, notando certa jovialidade em minha tia Aghata, eu considerara prudente dar uma escapada até Nova York para proporcionar-lhe tempo de apaziguar os ânimos. E próximo à metade da primeira semana de minha estada lá, em meio a uma partida de bingo no Sherry-Netherland, vim a conhecer Pauline Stoker.

Ela atravessou o salão e veio direto até mim. Sua beleza me embriagou como vinho.

— Jeeves — lembro-me de dizer, ao regressar ao apartamento —, quem foi o sujeito que ao olhar para algo se sentiu como alguém olhando para algo? Li sobre isso na escola, mas a passagem agora me escapa.

— Imagino que o indivíduo que o senhor tenha em mente seja o poeta Keats, que comparou suas emoções ao ler o Homero de Chapman pela primeira vez às do resolutivo Cortez ao deitar os olhos de águia sobre o Pacífico.

— O Pacífico, hein?

— Isso, patrão. E todos seus homens se entreolharam interrogativamente e com intensidade, silenciosos no alto de um monte em Darién.

— Claro. Tudo me vem agora à lembrança. Bem, foi assim que me senti pela manhã ao ser apresentado à senhorita Pauline. Passe as calças com especial cuidado esta noite, Jeeves. Vou jantar com ela.

Em Nova York, sempre assim o achei, é com bastante presteza que se perdem as peias em assuntos do coração. Isso, creio, deve-se a algo no ar. Duas semanas mais tarde pedi a mão de

Pauline. Ela aceitou. Até então, tudo bem. Mas observe o que segue. Mal-e-mal quarenta e oito horas depois disso uma chave de fenda se insinuou no maquinário e a coisa toda desandou.

A mão que manuseou essa chave de fenda foi a de *Sir Roderick Glossop*.

Nestas minhas memórias, como você deve se lembrar, já tive oportunidade de fazer menção não pouco freqüente a esse velho pote de veneno. O tratante, esse aeroporto de mosquitos sobrance-lhudo, ostensivamente um especialista em nervos, mas na realidade, como todos sabem, nada mais nem menos que um extorsivo médico de birutas, andara se interpondo em meu caminho por anos, sempre com os resultados mais graves. E assim foi que se encontrava em Nova York quando o anúncio de meu noivado apareceu nos jornais.

O que o levava lá era uma de suas visitas periódicas ao primo em segundo grau de J. Washburn Stoker, George. Esse George era um homem que, depois de uma vida inteira afligindo viúvas e órfãos, começara a acusar um pouquinho o esforço. Sua conversa era esquisita e ele apresentava uma tendência a plantar bananeiras. Fora paciente de *Sir Roderick* por alguns anos e este último tinha por hábito dar as caras em Nova York vez ou outra para uma vistad'olhos no paciente. Ele chegou na presente ocasião bem a tempo de ler pela manhã, degustando seu café com ovos, a notícia de que Bertram Wooster e Pauline Stoker planejavam alçar o Vôo Matrimonial. E, até onde sou capaz de assegurar, estava ao telefone, convencendo o pai da futura noiva, sem maiores papas na língua.

Bem, o que contou a J. Washburn a meu respeito não posso, é claro, dizer: porém, ao que especulo, imagino ter-lhe informado que outrora eu fôra comprometido com sua filha, Honoria, e que ele desfizera o enlace pois decidira que eu não passava de um excêntrico de marca maior. Ele teria mencionado, sem dúvida, o

incidente dos gatos e do peixe em meus aposentos; possivelmente, também, o episódio do chapéu roubado e meu hábito de descer por bicas d'água; coroando tudo, pode ser, com uma descrição do infeliz caso da bolsa de água quente na casa de *Lady Wickham*.

Amigo íntimo de J. Washburn e um homem em cujo juízo J. W. confiava, presumo que tenha encontrado poucas dificuldades em persuadir este último de que eu não era o genro ideal. De todo modo, como digo, meras quarenta e oito horas após o momento sagrado fui notificado de que me seria desnecessário encomendar novas calças de tecido impermeável e a gardênia, pois minha candidatura fora cancelada.

E foi esse homem que teve a deslavada cara-de-pau de bater à porta do lar de Wooster. Veja você, vamos e venhamos!

Resolvi-me a ser assaz conciso com ele.

Ainda tocava o banjolele quando chegou. Aqueles que conhecem bem Bertram Wooster têm consciência de que se trata de um homem de entusiasmos súbitos e fortes e de que, ao ser tomado de um deles, torna-se uma máquina sem remorsos — tenso, absorto, obstinado. Assim foi quanto à questão dessa minha execução do banjolele. Desde a noite no Alhambra, quando o supremo virtuosismo de Ben Bloom e seus Sixteen Baltimore Buddies acendeu em mim o ardor pelo estudo do instrumento, nem um único dia se passou sem a prática assídua por um par de horas. E tangia eu as cordas inspiradamente quando a porta se abriu e Jeeves despejou ali dentro o revoltante e empertigado especialista recém-aludido.

No intervalo transcorrido desde que me fôra notificado pela primeira vez o desejo do homem de haver-se comigo, diversas coisas me passaram pela cabeça: e a única conclusão a que poderia ter chegado era que devia ter passado por uma mudança de inclinação de alguma natureza e se decidido por pedir desculpas a mim pelo modo como se portara. Logo, era em certa medida um Bertram

Wooster um pouco mais amaciado que se erguia para fazer as honras da casa.

— Ah, *Sir Roderick* — disse eu. — Bom dia.

Nada teria excedido a cortesia com que pronunciara essas palavras. Imagine meu espanto, por conseguinte, quando sua única resposta foi um grunhido, e de indubitável desprazer. Percebi que o diagnóstico que fizera da situação estava equivocado. Meu disparo errara o alvo de longe. Aquele não era um indivíduo francamente contrito. O homem não poderia ter me fitado com um desgosto mais óbvio nem que eu fosse o micróbio da *dementia praecox*.

Bem, se essa era a atitude que ele se propunha a adotar, então devo confessar. Minhas ledices minguaram. Revesti-me de um ar frio, erguendo, ao mesmo tempo, uma inflexível sobranceira. E já estava prestes a operar o surrado truque do A-que-devo-a-honrada-visita, quando ele me cortou.

— O senhor deveria ser intimado!

— Perdão?

— O senhor é uma ameaça pública. Ao longo de semanas, ao que parece, tem tornado num inferno a vida de todos seus vizinhos com algum medonho instrumento musical. Percebo que o tem em suas mãos bem agora. Como ousa tocar esta coisa num prédio de apartamentos respeitável? Cacofonia infernal!

Permaneci frio e composto.

— O senhor disse “cacofonia infernal”?

— Disse.

— Oh! Bem, deixe-me lhe dizer que o homem que não possui música em seu íntimo... — dei um passo, afastando-me da porta. — Jeeves — chamei, solicitando a passagem —, a que Shakespeare afirmou ser dado o homem sem música em seu íntimo?

— A traições, estratégias e corrupções, patrão.

— Obrigado, Jeeves. É dado a traições, estratégias e corrupções — eu disse, de volta.

Ele deu um ou dois pulinhos incertos.

— O senhor tem consciência de que a moradora do apartamento abaixo, a senhora Tinkler-Moulke, é uma de minhas pacientes, uma mulher que sofre de grave perturbação nervosa? Tive de lhe dar um sedativo.

Ergui a mão.

— Poupe-me das trivialidades desses depósitos de birutas — falei, distante. — Deixe-me perguntar-lhe, de minha parte, se tem consciência de que a senhora Tinkler-Moulke é dona de um pomerânio?

— Não divague.

— Não estou divagando. O animal ladra agudamente o dia todo e com não pouca frequência avança noite adentro. Então a senhora Tinkler-Moulke teve o desprante de se queixar a respeito de meu banjolele, pois não? Há! Aquele que nunca pecou, que atire o primeiro pomerânio — eu disse, biblicamente.

Seu agastamento foi visível.

— Não estou aqui para falar de cães. Mas sim para ouvi-lo empenhar a palavra de que cessará de importunar a infeliz mulher.

Balancei a cabeça.

— Sinto saber que ela constitui um público frio, mas minha arte deve vir em primeiro lugar.

— Então esta é sua palavra final?

— Sim, é.

— Muito bem. O senhor ouvirá mais a respeito.

— E a senhora Tinkler-Moulke ouvirá mais disto aqui — repliquei, brandindo o banjolele.

Toquei a sineta.

— Jeeves — disse —, mostre a saída a *Sir Roderick Glossop*.

Confesso que fiquei assaz satisfeito com o modo pelo qual me conduzi ao longo desse entrecchoque de vontades. Houve época, como você deve se lembrar, em que o súbito aparecimento do velho Glossop em minha sala de estar teria sido suficiente para me fazer disparar atrás de uma toca como um coelho. Mas desde então já passei pelo calor da fornalha e a visão de sua figura não me enche mais de pavor inominável. Com boa dose de tranqüila satisfação pessoal, prossegui tocando “The Wedding of the Painted Doll”, “Singing in the Rain”, “Three Little Words”, “Goodnight Sweetheart”, “My Love Parade”, “Spring Is Here”, “Whose Baby Are You?” e parte de “I Want an Automobile with a Horn That Goes Toot-Toot”, na ordem mencionada: e foi ao me aproximar do fim da última peça que o telefone soou.

Fui ao aparelho e me pus a escutar. E, enquanto escutava, minhas feições tornavam-se graves e decididas.

— Muito bem, senhor Manglehoffer — disse eu, friamente.

— Pode informar a senhora Tinkler-Moulke e seus colegas que escolho a última alternativa.

Toquei a sineta.

— Jeeves — disse eu —, problemas à vista.

— Deveras, patrão?

— O dissabor ergue sua hedionda cabeça em Berkeley Mansions, Oeste, 1. Notei, também, a falta de debate democrático e a ausência do espírito solidário. Acabo de conversar com o síndico deste prédio ao telefone e ele me deu um ultimato. Disse que devo optar entre seguir tocando o banjolele ou cair fora.

— Deveras, patrão?

— Queixas, ao que tudo indica, vêm sendo prestadas pela honorável senhora Tinkler-Moulke, do C6; pelo tenente-coronel

J. J. Bustard, distinguido por bravura em combate, do B5; e *Sir Everard* e *Lady Blennerhassett*, do B7. Perfeito. Então, que assim seja. Não me importo. Vamos nos livrar dessas Tinkler-Moulkes, desses Bustards, desses Blennerhassetts. Eu os deixo sem piar.

— Está propondo se mudar, patrão?

Ergui as sobrancelhas.

— Certamente, Jeeves, você não é capaz de imaginar que em algum momento considere qualquer outro curso de ação, é?

— Mas temo que o senhor encontrará hostilidade semelhante em toda parte, patrão.

— Não aonde irei. É minha intenção retirar-me para os ermos do país. Algum velho mundo isolado em que possa encontrar um chalé onde retomar meus estudos.

— Um chalé, patrão?

— Um chalé, Jeeves. Se possível, coberto de madressilvas.

No momento seguinte, você poderia ter me nocauteado com um palito de dentes. Houve uma breve pausa e então Jeeves, a quem sempre guardei dentro do peito, por assim dizer, por muitos e muitos anos, soltou uma espécie de tossida e pronunciou com seus lábios estas incríveis palavras:

— Neste caso, receio que deva pedir minha dispensa.

Houve um silêncio tenso. Fitei o homem fixamente.

— Jeeves — disse eu, e você estaria longe de errar se me descrevesse como pasmo —, será que escutei corretamente?

— Sim, patrão.

— Você considera de fato a possibilidade de deixar minha companhia?

— Apenas com a maior relutância, patrão. Mas se é sua intenção tocar aquele instrumento dentro do estreito confinamento de um chalé rústico...

Eu me recompus.

— Você disse “aquele instrumento”, Jeeves. E com a voz arrasada e aborrecida. Devo compreender que não gosta do banjolele?

— Isso, patrão.

— E o tem simplesmente aturado até agora?

— Com certa dificuldade, patrão.

— E deixe-me dizer-lhe que homens melhores que você já aturaram coisas piores do que banjoleles. Já ouviu falar de um tal búlgaro, Elia Gospodinoff, que em certa ocasião tocou gaita-de-foles por vinte e quatro horas sem cessar? Ripley garantiu que isso é verdade em seu “Acredite Se Quiser”.

— Deveras, patrão?

— Bem, você acha que o assistente pessoal de Gospodinoff deu no pé? Só rindo. Eles têm mais fibra do que isso lá na Bulgária. Tenho certeza de que permaneceu sempre ao lado do jovem mestre em sua tentativa de bater o recorde centro-europeu e sem dúvida freqüentemente acudindo-o com bolsas de gelo e outros tonificantes. Seja búlgaro, Jeeves.

— Desculpe, patrão. Receio ser incapaz de renunciar a minha posição.

— Mas, com a breca, você disse que *está* renunciando a sua posição.

— Eu queria dizer que não posso abandonar a decisão que tomei.

— Ah.

Ruminei um pouco.

— Tem certeza disso, Jeeves?

— Sim, patrão.

— Pensou cuidadosamente no assunto, pesando os prós e os contras, pôs todas as coisas nos pratos da balança?

— Sim, patrão.

— E está determinado?

— Isso, patrão. Se de fato é sua intenção prosseguir tocando aquele instrumento, não me resta outra opção a não ser partir.

Meu sangue Wooster ferveu. Circunstâncias dos últimos anos moldaram-se de forma tal que deixaram o tratante numa posição que se poderia descrever como a de um Mussolini doméstico; mas, deixando isso de lado e prendendo-se exclusiva e friamente aos fatos, o que é Jeeves, afinal de contas? Um criado. Um assistente assalariado. E o sujeito não pode simplesmente continuar a sevandijar-se — será essa a palavra?, sei que é *ar-se* alguma coisa — diante de seu criado para sempre. Chega o momento em que deve lembrar que seus ancestrais deram tudo de si na Batalha de Crécy e fincaram o velho pé na terra. E este momento é chegado, agora.

— Então vá, com a breca!

— Pois bem, patrão.